

Indústria começa a receber encomendas

SÃO PAULO — A negociação de preços transformou-se na palavra de ordem entre a indústria e o varejo neste início de 1991. Muitos setores já apresentaram as novas tabelas, mas na prática os reajustes ainda não estão sendo repassados ao consumidor final, garantiu o Presidente em exercício da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos, Dante Gallian Neto.

Os empresários ainda acham cedo para fazer qualquer prognóstico sobre uma possível queda de braço entre a indústria e comércio, mas todos fazem questão de afirmar que estão dispostos a encontrar um meio-termo para sobreviverem à anunciada crise que se instalaria no mês de janeiro.

O Presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee), Paulo Vellinho, faz parte do grupo que aposta na busca de um preço intermediário.

O certo é que os pedidos de encomendas do varejo começam a entrar na indústria. Timidamente, por enquanto, é verdade, como no caso da indústria de alimentos, que opera com apenas 50% da capacidade, mas em nível suficiente para Gallian Neto dizer que o País deverá enfrentar uma recessão modesta.

O Presidente da Abia considera que uma retomada lenta é até normal, ao levar em consideração que um terço da força de trabalho das indústrias de alimentos encontra-se atualmente em férias coletivas, concedidas pelas empresas.

Os pedidos de alimentos caíram pela metade porque os supermercados estão trabalhando com a expectativa de vendas num patamar mais baixo, informou o Presidente da Associação Paulista de Supermercados, José Roberto Tambasco.

Para ele, os reajustes aplicados até agora estão dentro da mais absoluta

normalidade do setor de produção de alimentos industrializados. Os aumentos estão próximos à inflação de dezembro, de 19,30%.

— Estamos sendo muito duros durante as negociações de preço, porque não podemos esquecer a concorrência. Se o entendimento ficar difícil vamos procurar outro produto similar. Se não for essencial, deixamos de comprar por um período até o preço atingir o patamar ideal — explicou o Presidente da Associação Paulista de Supermercados, ao reafirmar que, por enquanto, não existe abuso.

O preço do açúcar, por exemplo, foi majorado em 5%, enquanto uma linha de sabonetes ficou entre 10% a 12% mais cara.

O Presidente do Sindicato da Indústria de Produtos de Limpeza, José João Locoselli, confirma que os artigos do setor subiram 17% em média. Os constantes reajustes do petróleo — o setor depende da nafta, um derivado, para elaborar seus produtos — a indústria não está repassando-os integralmente para os custos. Para Locoselli, o cliente tem obrigação de brigar para obter um preço mais vantajoso.

A famosa briga entre montadoras e fabricantes de autopeças, que causou tanto transtorno ao consumidor no ano passado, ainda não começou. Seja porque a produção continua interrompida em algumas fábricas — Ford e General Motors (São José dos Campos) — ou em função da queda de demanda registrada nos últimos dias.

O Presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças, Pedro Eberhardt, estima uma queda de 40% no nível de encomendas nos dois primeiros meses do ano, com retomada do ritmo normal a partir de março.